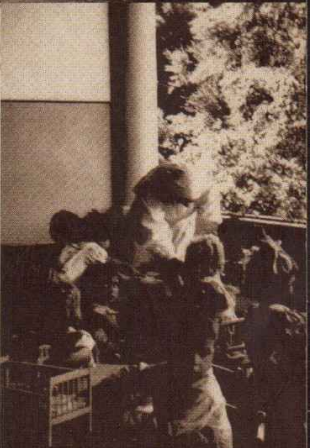
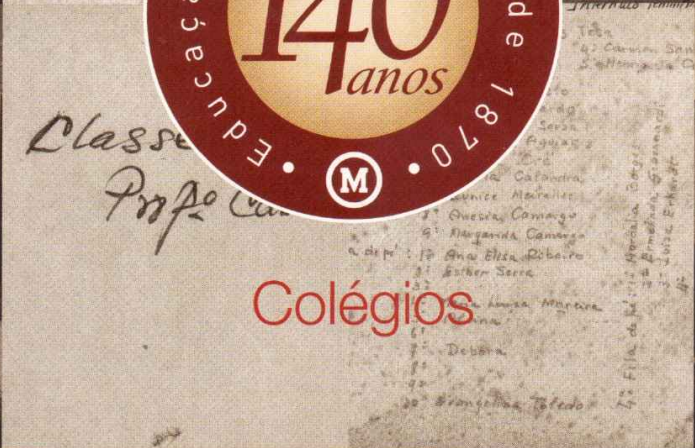
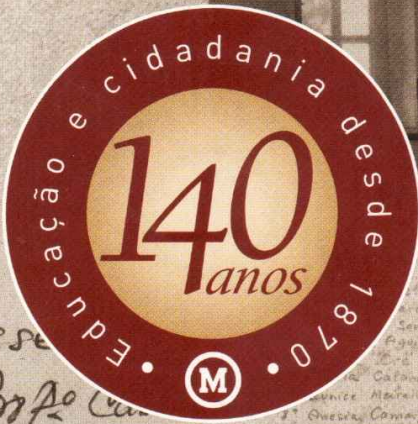
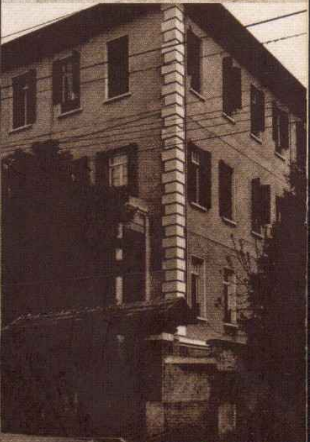
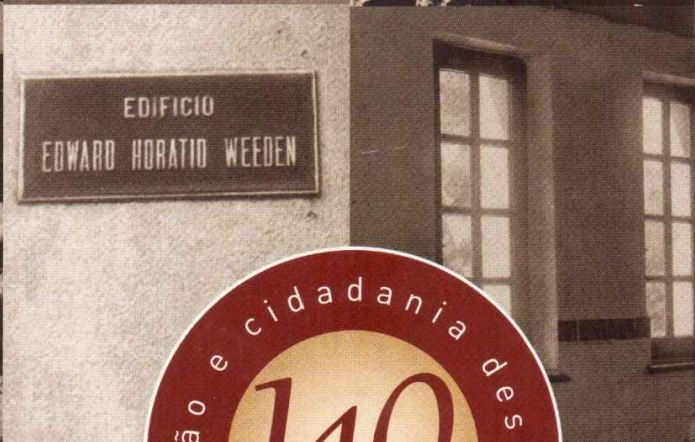
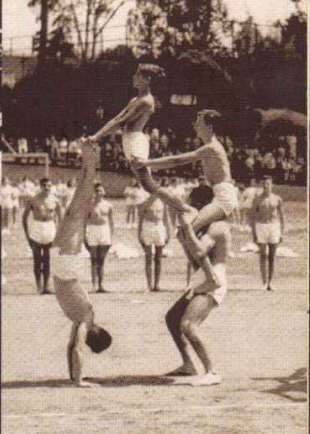
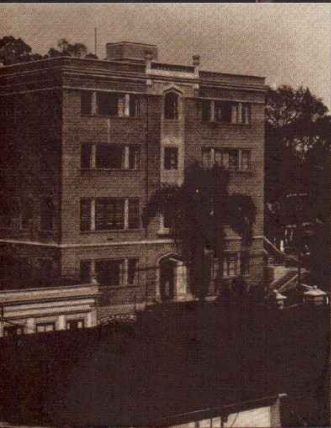


George W. Chamberlain.



# Colégios



Christiano Stockler das Neves.



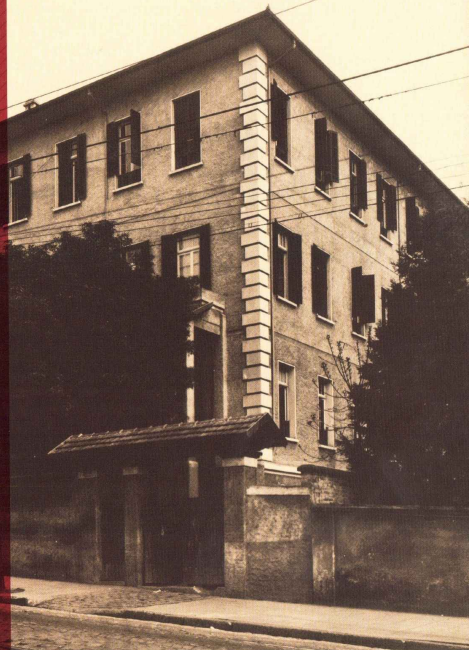


Quando foi fundada, em 1870, a então Escola Americana não passava de um sonho de um missionário norte-americano que enxergava na educação um meio de transformação social. Na época, o reverendo George Chamberlain e sua esposa, Mary Annesley, não imaginavam que a modesta sala, localizada na Rua Visconde de Congonhas do Campo, onde moravam, que abrigava apenas 20 alunos, cresceria e, 140 anos depois, seria transformada no Instituto Presbiteriano Mackenzie – cuja notoriedade se destaca no cenário educacional brasileiro pela aplicação de técnicas vanguardistas de ensino, baseadas em valores cristãos.

A escola surgiu numa época em que a educação no Brasil ainda era restrita a poucos abastados: uma herança trazida do tempo das colônias, quando o ensino era atribuição dos jesuítas e exclusivo aos filhos de grandes fazendeiros. Com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, em 1759, os professores disponíveis passaram a cobrar caro pelas aulas – o que explica o fato de, naquela época, apenas 20% da população brasileira ser alfabetizada. Para piorar, as elites do Brasil Independente não tinham qualquer interesse em que as pessoas tivessem acesso ao ensino como forma de manter o *status quo* vigente.

Esse quadro de descaço à educação, aliado à tolerância do governo a cultos diferentes do catolicismo – desde que as reuniões fossem feitas em casas sem a aparência das igrejas católicas – estimulou a propagação de novas instituições religiosas, introduzidas com a vinda de imigrantes e missionários. O ambiente amistoso do País não tardou a chamar a atenção das igrejas protestantes, inglesas, escocesas, alemãs e, a partir de 1835, as norte-americanas. A Igreja Presbiteriana, contudo, apenas fincaria suas raízes em território brasileiro em 1859, com a chegada do reverendo Ashbel Green Simonton – enviado pela Junta das Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América.

Em São Paulo, a Igreja Presbiteriana chegaria apenas em 1863, com a vinda do reverendo Alexander Blackford e de sua esposa, Elizabeth, que desembarcaram na cidade com o objetivo de abrir um campo missionário presbiteriano. Para ajudá-los em seus afazeres na igreja e na alfabetização de adultos, veio também o então jovem George Whitehill Chamberlain. Dono de excelente oratória e falando bem português, Chamberlain conseguiu atrair diversos adeptos para o presbiterianismo, influenciando na abertura de duas novas igrejas na cidade, o que lhe valeu o convite para ser missionário. Passou quatro anos nos EUA para aperfeiçoar seus conhecimentos em teologia. Nesse período, casou com Mary Annesley e manifestou à Junta das Missões Estrangeiras o interesse de organizar uma escola brasileira com características americanas.



Internato Feminino D. América de Oliveira, na Rua da Consolação, inaugurado em 1923 e demolido em 1965.

Em 1868, quando retornou ao Brasil, Chamberlain precisou concentrar seus esforços na consolidação da Igreja Presbiteriana. Caberia a Mary Annesley a tarefa de desenvolver os trabalhos pedagógicos a que se propôs.

A cidade de São Paulo estava em franco desenvolvimento econômico por causa do sucesso das exportações de café. O provincianismo, contudo, reinava no ambiente escolar: filhos de escravos não eram aceitos nas escolas. As salas eram separadas para meninos e meninas. Castigos físicos eram impostos para quem não entregava as lições ou para quem desobedecia aos professores. E o acesso à educação ainda estava restrito às minorias abastadas.

"Fazia pouco mais de um ano que Mary viera dos Estados Unidos, terra onde a liberdade religiosa nas escolas era o apanágio e o orgulho dos descendentes peregrinos. Aqui, em seu novo lar, ela contemplou o doloroso espetáculo da intolerância religiosa nas escolas primárias", escreveu o engenheiro e professor da Escola de Engenharia Mackenzie, Benedicto Novaes Garcez, no livro 'Mackenzie'. "Verifiquei também que se empregavam métodos pedagógicos obsoletos e até desumanos. Não se conformando com a brutal diferença entre o ensino de seu país de origem e aquele que acabava de conhecer pela experiência de suas alunas, resolveu por em prática o que aprendera nos Estados Unidos."

No segundo semestre de 1870, ela passou a ensinar a três meninas que passavam o dia brincando em frente a sua casa. Com grande talento para contar histórias, Mary conquistou as crianças e não demorou a chamar a atenção de outras garotas. "O ambiente na 'escolinha' da senhora Chamberlain era animador. A aula passou a ser um momento agradável para aquelas meninas e despertou nelas um interesse pelo aprendizado até então desconhecido nas escolas públicas do Império", declarou Garcez. "Muitas famílias que mantinham professores particulares em suas próprias residências queriam, agora, matricular suas filhas na escolinha", escreveu o engenheiro. Não tardou para a instituição receber também os meninos e, assim, completar o ideal da moderna pedagogia em marcha nos Estados Unidos, que defendia a escola mista.

A educadora passou, então, a acolher a todos sem preconceito – desde crianças perseguidas nas escolas por serem protestantes até filhos de defensores do fim da escravidão. Sua atitude era revolucionária em relação ao modelo educacional da época.

Como as aulas e as despesas eram patrocinadas pelo casal Chamberlain, as dificuldades financeiras não tardaram a aparecer. A alternativa para não fechar a escola foi obter dinheiro

com a Junta Missionária de Nova York – que, diante do sucesso da empreitada, não recusou ajuda. No fim de 1870, a escola mudou para o andar superior da Igreja administrada pelo reverendo e, no início de 1871, com 20 alunos, foi preciso contratar mais professores para lecionar matemática, história, geografia e inglês, além de estudos sociais e caligrafia.

"Quando a senhora George Chamberlain abriu, em uma sala de sua casa, em São Paulo, uma pequena escola para crianças a que a intolerância religiosa fechava as portas das escolas públicas e seu marido, também norte-americano, a instalou num ponto central da cidade, já animado com o impulso que tomou a iniciativa, empreendiam ambos uma obra cujas origens vinham marcadas tanto pela pureza do desejo quanto pela incerteza dos resultados de sua ação", disse o educador, ensaísta e sociólogo Fernando Azevedo em conferência proferida em outubro de 1960, no aniversário de 90 anos da escola. "Nenhum deles, nenhum dos dois que constituiriam o lar dos Chamberlain, imaginou, em suas esperanças e inquietações, nem podia suspeitar que a pequenina escola, logo batizada com o nome de Escola Americana, se transformaria em modelo e fonte de inspiração de uma nova política educacional, para ser, em menos de um século, o núcleo de uma radiosa constelação de instituições escolares."



Sala de aula da antiga Escola Americana, década de 1930.

Segundo Garcez, na primeira classe da Escola Americana, sentaram-se filhos e netos de barões do Império e de republicanos ilustres lado a lado com humildes filhos de escravos. "Essa situação, numa grande época de preconceito social, era, na realidade, tão incompreensível como o próprio Evangelho de Cristo, definido por São Paulo: 'escândalo para uns, loucura para outros'. Mas, para a Escola Americana, isso representava uma grande conquista", anotou em seu livro.



Em 1872, o governador da província, João Teodoro Xavier, nomeou uma comissão de professores para presidir os primeiros exames que se realizavam na escola. O jornal republicano Correio Paulistano publicou uma nota referente ao fato: os alunos "mostraram maravilhoso desenvolvimento como não estamos, nós brasileiros, habituados a presenciar em nossas escolas rotineiras do tempo colonial". O reconhecimento à instituição era cada vez mais enfatizado pelas autoridades nacionais.

Ao ser transferida para a Rua São José, a escola passou por uma pequena, mas significante mudança: as aulas deixariam de ser gratuitas para que pudessem custear o material didático. Isso não foi um empecilho ao acesso dos mais pobres à educação – para os quais foram criadas bolsas de estudo totais e parciais. Entre 1874 e 1875, as matrículas excederam as expectativas e, em 1876, a escola passou a funcionar em um prédio na esquina das Ruas Ipiranga e São João e dois novos cursos foram acrescentados ao primário: Escola Normal, que formaria professores de nível fundamental, e Filosofia, para formar docentes de nível secundário – uma preocupação do reverendo Chamberlain com o nível do ensino, sobre o qual escreveu em carta à Junta de Nova York: "de nada valem as escolas sem bons mestres".



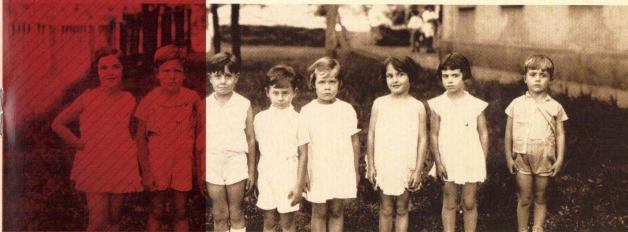
Apresentação de alunos em comemoração ao Dia do Mackenzista, 1945.

Mesmo com o aumento no número de matrículas, a inovação continuou sendo o foco da escola. Em 1878, foi criado o Jardim da Infância (originalmente chamado de Kindergarten), destinado a crianças de 3 a 5 anos – considerado o primeiro modelo educacional desse tipo em funcionamento no Estado de São Paulo e o segundo no Brasil. Por causa da mudança de legislação, esse Jardim de Infância não teve continuidade nas décadas iniciais do século 20, voltando mais tarde a funcionar como Pré-Primário e, novamente, como Jardim de Infância.

Outra iniciativa pioneira, introduzida também naquele ano, foi a implementação da educação física no currículo escolar – que, até hoje, é obrigatória para os alunos do Ensino Fundamental e Médio. "O basquetebol foi introduzido no Brasil pelo Mackenzie e a prática de atletismo teve grande desenvolvimento entre os estudantes da escola", revela o engenheiro civil, especialista em história da instituição e servidor emérito do Instituto Presbiteriano Mackenzie, Marcel Mendes. "Desde os primórdios, o esporte é visto como algo complementar à pedagogia da instituição."

Diferentemente das demais instituições de ensino, a Escola Americana mantinha, desde sua fundação até 1960, o Internato de Meninos (Rua Piauí) e Internato de Meninas (primeiro na Rua São João, depois na Rua da Consolação), o que possibilitava a vinda de estudantes de várias partes do País. "Ambos eram de grandê porte e constituíam um elemento diferencial no processo educacional, pelo cultivo de valores de convivência coletiva, mas princípios cristãos", explica Mendes. "Em vez de uma organização rígida baseada na autoridade e na disciplina, o que se propunha era uma organização fundada no princípio de liberdade, de compreensão mútua e de colaboração", escreveu a respeito o sociólogo Fernando Azevedo.

A fama da escola chegou aos ouvidos do imperador D. Pedro II – que, em 1878, visitou a instituição e, encantado, fez uma doação pessoal, dois anos depois da visita, de uma quantia próxima a dez contos de réis. O valor, somado a outras doações feitas a Chamberlain por autoridades, anônimos e amigos de fé, possibilitou a aquisição de amplo terreno em Higienópolis e a construção de novos prédios para a escola que, no fim da década de 1870, já abrigava quase 200 alunos.



Pré-Escola, conhecida como Kindergarten, em 1878.

A metodologia inovadora e a qualidade do ensino continuaram despertando o interesse da sociedade. Tanto que, logo após a Proclamação da República, em 1889, o primeiro governo constituído em São Paulo convocou a professora da Escola Americana, Márcia P. Brown, para levar às escolas do Estado as mesmas ideias pedagógicas e técnicas de ensino que eram colocadas em prática pela instituição. O recém-assumido diretor da escola, o educador Horace Manley Lane – cuja competência permitiu um crescimento ainda mais veloz da escola – também foi convidado para ser Consultor Educacional do Governo, contribuindo, assim, para a criação da mais moderna organização de ensino até então existente no Brasil.

No exterior, a Escola Americana também conquistava admiradores. Um deles foi o advogado John Theron Mackenzie que, embora nunca tivesse visitado o Brasil, havia se interessado pelo País a partir da leitura de textos de José Bonifácio publicados em jornais internacionais. No fim da vida, destinou 30 mil dólares para ser aplicado em uma escola capaz de ensinar à juventude brasileira os modernos conhecimentos de tecnologia relacionados ao transporte ferroviário. Suas irmãs elevaram a doação para 50 mil dólares – valor muito expressivo para aquela época. Coube ao testamenteiro encaminhar o dinheiro para a Igreja Presbiteriana após saber do trabalho educacional que a entidade mantinha no Brasil. Essa atitude estimulou a criação da Escola de Engenharia Mackenzie, do Mackenzie College, a primeira faculdade privada a formar engenheiros no País. Não foi por acaso que, a partir de 1893, os estudantes passaram a denominar “Mackenzie” toda a obra educacional da Igreja Presbiteriana em São Paulo.

Por anos, a Escola Americana funcionou na esquina das Ruas São João e Ipiranga, onde se instalara, em 1876. Com a inauguração do edifício Erasmo Braga (prédio 27), em 1920, a escola foi transferida definitivamente para o campus de Higienópolis, onde ainda se encontra.



Vista do bosque, conhecido como “Jardim de Alô”, local de encontro dos estudantes.

A mudança, contudo, não representou queda na qualidade educacional. Décadas depois de sua fundação, a sólida proposta pedagógica da Escola Americana continuava a ser um diferencial. A biblioteca da Escola Americana e do Mackenzie College, por exemplo, foi a primeira a introduzir no Brasil o sistema Dewey de classificação decimal na catalogação e o Departamento Cultural introduziu sessões de cinema, teatro e concursos literários como forma de estímulo aos estudantes. O currículo passou por transformações e incluiu disciplinas como inglês, francês, latim, opcionalmente árabe, além da música e da tradicional educação física, que era fortíssima.



Alunos do 1º ano A, 1955.

Não por acaso, entre os alunos da instituição figuram personalidades ilustres da história do País, entre eles a artista plástica Anita Malfatti (que também foi professora da instituição); a escritora Tatiana Belinky; o advogado e bibliófilo José Mindlin; o jogador de basquete Oscar Schmidt; o automobilista Emerson Fittipaldi; o médico e ex-reitor da Universidade de São Paulo (USP) Antonio de Almeida Prado; entre outros.

O nome Escola Americana perdurou até 1998, quando foi substituído por Escola Americana e Colégio Mackenzie. Na década de 2000, foi solicitada à Secretaria de Educação a alteração do nome para Colégio Presbiteriano Mackenzie. “Desde suas origens, a Escola Americana preservou o lema ‘educar e não apenas instruir’, procurando promover o desenvolvimento harmônico das dimensões física, moral e intelectual do educando. A mudança do nome pretendeu apenas fortalecer o viés confessional. O trabalho pedagógico continua favorecendo o desenvolvimento intelectual e o pensamento crítico, além de ser voltado para a formação de cidadãos com valores éticos e atitudes construtivas”, afirma Mendes.

Hoje, o colégio faz parte do Instituto Presbiteriano Mackenzie, cuja atuação ultrapassou os limites de São Paulo. Possui sedes em Tamboaré (SP) e Brasília (DF), além das unidades em Campinas (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Recife (PE), com cursos fundamentais e técnicos, além de cursos superiores e de pós-graduação que fazem parte da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mas essa história é para ser contada em outra ocasião.



## NOVAS INSTALAÇÕES E SISTEMA DE ENSINO

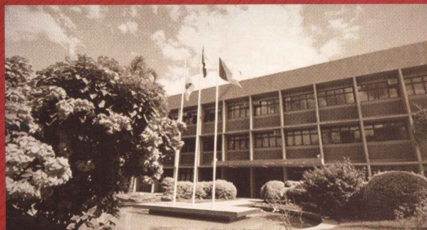
A partir da década de 1980, o Colégio Presbiteriano Mackenzie apresentou uma necessidade de ampliação que culminou na abertura de duas novas unidades: Tamboré e Brasília.

Localizada na cidade de Barueri (SP), a unidade Tamboré está numa área de 750 mil m<sup>2</sup> próxima à natureza: nas alamedas do colégio, há azáleas, ipês, além da mata nativa onde habitam mais de cem espécies de pássaros. Primeira fora do Centro de São Paulo, a unidade também representou o início da descentralização do espaço físico das atividades da escola, além de antecipar o desenvolvimento local. Consciente das exigências atuais da educação, oferecendo cursos a partir da Educação Infantil até a Pós-Graduação na Universidade Presbiteriana Mackenzie, a escola alia os conteúdos imprescindíveis à formação acadêmica de seus alunos com projetos pedagógicos interdisciplinares e atividades esportivas, espirituais, artísticas e culturais. Os amplos espaços e a diversidade de equipamentos do complexo esportivo fazem do Mackenzie Tamboré uma escola ímpar. Nem poderia ser diferente, considerando-se a tradição e o pioneirismo da instituição em investimentos nos esportes desde sua fundação. Alenta aos rumos da educação e às exigências atuais, a escola tem revelado criatividade, vontade e firmeza para acompanhar essa evolução, mantendo-se fiel aos princípios que norteiam o Mackenzie desde sua fundação, em 1870, por missionários presbiterianos.

Em 1996, dando continuidade à proposta de expansão da escola, foi inaugurada, em Brasília, a unidade de Educação Básica do Instituto Presbiteriano Mackenzie, com a finalidade de trazer à capital do País uma proposta educacional pautada nos valores e princípios cristãos já consolidados pela instituição. Seu objetivo foi oferecer à sociedade brasileira, em um espaço amplo, seguro e moderno, o ensino das ciências humanas à luz das ciências divinas.

Mas foi em 2004 que teve início a difusão do modelo pedagógico Mackenzista, o Sistema Mackenzie de Ensino (SME), criado com o objetivo de expandir a marca e a filosofia Mackenzie, atendendo à visão de seus fundadores. Além de conter os valores e princípios que têm norteado o Mackenzie ao longo de sua história, o SME pretendeu resgatar certas ênfases e verdades deixadas de lado nos materiais didáticos de outros sistemas de ensino, entre elas a confessionalidade.

Baseado no ensino cognitivo-interacionista – que trabalha com o conceito de conhecimento transmitido em uma base de raciocínio dedutivo, associado ao método indutivo da construção do entendimento e da interação do aluno mediante a orientação e intervenção do professor – o modelo pedagógico está calcado na cosmovisão cristã evangélica reformada.



Colégio Presbiteriano Mackenzie Brasília, inaugurado em 1996.

Pela metodologia, as práticas pedagógicas devem considerar o aluno como ser inteligente, criativo, relacional, capaz de aprender, com limites a serem superados e potencial a ser desenvolvido. Nessa mesma linha, devem ser considerados o papel do professor, o processo de ensino-aprendizagem, a abordagem dos conteúdos e o processo avaliativo. Sem contar a proposta curricular, que deve estar sempre sujeita à revisão em busca da excelência.

Desde 2007, os três colégios Mackenzie utilizam o material produzido para a Educação Infantil. Na época, mais quatro escolas cristãs foram convidadas para fazer parte do projeto piloto, entre elas: Academia Cristã de Boa Viagem (Recife), IPÊ (Gódnia), Colégio Presbiteriano Reverendo Felipe Manoel de Campos (Porto Feliz) e Colégio Presbiteriano de Tatuí (Tatuí). Desde então, o número de escolas parceiras do SME para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental cresce continuamente.





